

Percepções dos estudantes sobre o ensino da Educação Financeira na escola e seu cotidiano

Students' perceptions of financial education teaching at school and their daily lives

Percepción de los alumnos sobre la enseñanza de la educación financiera en la escuela y su vida cotidiana

Daniel de Mello¹  

Tânia Regina Raitz²  

RESUMO

Neste texto, apresentamos os resultados da pesquisa de mestrado intitulada "Jovens estudantes do Ensino Médio de Itajaí-SC: percepções sobre Educação Financeira". O objetivo do presente artigo foi investigar as percepções dos estudantes sobre o ensino da Educação Financeira no ambiente escolar e a relação que estabelecem com seu cotidiano. Esses estudantes pertencem ao 1º ano do Novo Ensino Médio de uma escola pública do território catarinense e frequentaram a disciplina eletiva de Educação Financeira. Primeiramente, foi aplicado um questionário para conhecer o perfil dos participantes. Em seguida, realizamos entrevistas semiestruturadas individuais para coletar informações acerca de educação financeira na percepção dos estudantes. Os resultados apontam que os conteúdos trabalhados dentro da sala de aula contribuem de inúmeras maneiras na vida dos estudantes e que, ao participarem das aulas, demonstram interesse e se sentem bem.

Palavras-chave: Educação financeira; Ensino Médio; Juventudes.

ABSTRACT

In this article we present the results of our master's research entitled 'Young high school students in Itajaí-SC: Perceptions of financial education'. The aim of this article was to investigate students' perceptions of the teaching of financial education in the school environment and the relationship they establish with their daily lives. These students belong to the first year of the New High School at a public school in Santa Catarina and attended the elective subject of financial education. Firstly, a questionnaire was administered to find out the profile of the participants. We then carried out individual semi-structured interviews to gather information on financial education as perceived by the students. The results show that the content worked on in the classroom contributes in countless ways to the students' lives and that when they take part in the classes they show interest and feel good.

Keywords: Financial education. High School. Youth.

RESUMEN

En este artículo presentamos los resultados de nuestra investigación de maestría titulada "Jóvenes estudiantes de enseñanza media en Itajaí-SC: Percepciones sobre la educación financiera". El objetivo de este artículo fue investigar las percepciones de los estudiantes sobre la enseñanza de la educación financiera en el ambiente escolar y la relación que establecen con su vida cotidiana. Estos alumnos pertenecen al primer año del Nuevo Bachillerato de una escuela pública de Santa Catarina y cursaron la asignatura optativa de educación financiera. En primer lugar, se administró un cuestionario para conocer el perfil de los participantes. A continuación, se realizaron entrevistas individuales semiestructuradas para recoger información sobre la educación financiera percibida por los alumnos. Los resultados muestran que los contenidos trabajados en el aula contribuyen de innumerables maneras a la vida de los alumnos y que cuando participan en las clases muestran interés y se sienten bien.

Palabras clave: Educación financiera; Educación secundaria; Juventud.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Bolsista CAPES. Endereço para correspondência: Rua Edmundo Kienast 8, Fazenda, Itajaí, CEP: 88302-470. Brasil. E-mail: danieldemello16@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Pós-graduação em Educação (mestrado e doutorado), coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho da Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Jornalista Manoel Menezes 35, Bloco A, apto 304, Itacorubi, Florianópolis, CEP 88034-060. Brasil. E-mail: raitztania@gmail.com

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade na qual as finanças aparecem de inúmeras formas na vida das pessoas, seja no ambiente familiar, escolar ou profissional. Esse contato já vem desde cedo, pois sempre estamos adquirindo algo para suprimos nossas necessidades básicas ou mesmo para coisas supérfluas. Muitas vezes, obtemos conhecimentos, como economia, juros, dívidas e consumo, de uma maneira prática no decorrer da vida. Todavia, emerge uma questão: se apenas os conhecimentos adquiridos, por meio de experiências, são suficientes para a educação financeira dos jovens na atualidade, pois não se vive mais em uma época em que as pessoas realizam permuta de serviços e mercadorias. Na atualidade, a maioria das transações comerciais são orientadas pelo dinheiro. Os indivíduos realizam alguma atividade profissional e, em contrapartida, recebem um valor em dinheiro para consumir com o que acreditam ser necessário para sua subsistência.

Bauman (2013) sinaliza que fazemos parte de uma sociedade que consome excessivamente, em que as pessoas possuem uma estratégia de vida sustentada pelo crédito, tendo como modo de vida a seguinte máxima: aproveite agora e pague depois. Desse modo, as pessoas são induzidas pelas técnicas de marketing e das políticas governamentais que estão treinando as multidões de estudantes na arte e no hábito de viver de crédito.

Uma pesquisa elaborada no mês de janeiro de 2023, pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, revela que 78% das famílias brasileiras estão endividadadas, cerca de 29,9% delas estão com dívidas em atraso e 11,6% não terão como pagar as dívidas. Outra informação relevante na pesquisa foi que houve uma grande parcela de consumidores que atrasaram dívidas por mais de 90 dias, chegando a 44,5% de inadimplentes, a maior proporção desde abril de 2020. Portanto, percebe-se que a maior parte das famílias brasileiras estão endividadadas e que a educação financeira é um tema da atualidade que deve cada vez mais ser trabalhado e aprofundado.

De acordo com Silva (2004), o endividamento ou descontrole financeiro inicia quando os gastos financeiros são superiores à renda ou quando se perde receita e se recorre a armadilhas como o cartão de crédito para completar o orçamento, e enquanto não for cortado o crédito, a situação fica cada vez mais difícil. Outra pesquisa realizada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), publicada em março de 2022, por meio do relatório Visão Geral da Educação 2022, mostrou que, dos brasileiros entre 25 e 34 anos, apenas 23% concluíram o ensino superior e 48% possuem cursos acima do ensino médio, mas não graduação. Diante disso, é possível constatar que uma parte significativa da população brasileira possui apenas a escola como ambiente de educação formal, o que ressalta a importância de estar trabalhando temáticas como educação financeira no ambiente escolar.

Santana e Vieira (2023) afirmam que, para um estudante ser considerado educado financeiramente, não basta apenas ter conhecimentos básicos matemáticos, mas sim que é fundamental que ele seja capacitado a tomar suas próprias decisões firmadas nos conhecimentos que serão construídos inicialmente no ambiente escolar sobre finanças, economia e matemática. Além disso, os autores falam ainda que o aluno necessita desenvolver discernimento por meio de uma leitura crítica das informações sobre finanças levando em conside-

ração sua realidade, como também aprender a administrar bem seus recursos financeiros. Assim, Dias e Olgin (2018) enfatizam que é importante favorecer o desenvolvimento da temática educação financeira na escola, não com a finalidade de formar alunos especialistas em finanças, mas dar subsídios a eles para que consigam cuidar das situações financeiras do cotidiano.

Neste texto, apresentaremos resultados de uma pesquisa que foi desenvolvida acerca das percepções dos/as estudantes sobre o ensino da educação financeira no ambiente escolar e a relação com seu cotidiano, com alunos do Novo Ensino Médio de uma escola pública do território catarinense e que frequentaram a disciplina eletiva de educação financeira. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou questionários e entrevistas como coleta de dados e a análise de conteúdo, segundo Bardin (2016), para a análise crítica dos resultados.

ENSINO MÉDIO E A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

O Ensino Médio é a última fase da educação básica que todo cidadão brasileiro possui o direito de cursar. Porém, no Brasil, tem se observado que a realidade educacional representa um obstáculo para a garantia do direito à educação. Para além da necessidade de universalizar o atendimento, é de extrema importância assegurar a permanência e as aprendizagens dos estudantes, atendendo as suas demandas e aspirações presentes e futuras (Brasil, 2018).

Com a finalidade de assegurar uma educação de qualidade que contemple todos os jovens e de aproximar as escolas da realidade dos jovens na atualidade, considerando as demandas e complexidades do mercado de trabalho e da vida em sociedade, o governo em exercício no ano de 2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional por meio da Lei 13.415/2017. Através da referida lei, foi instituída uma mudança no ensino médio, ampliando a carga horária anual do estudante na escola e estabelecendo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular e o oferecimento de diferentes possibilidades de escolha aos alunos, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e formação profissional.

Após tal alteração na organização curricular, a educação financeira pode ser vista de duas formas no ensino médio do território catarinense. Na primeira delas, a educação financeira aparece como tema contemporâneo transversal, incluso na macroárea economia, que deve ser trabalhado de maneira obrigatória. Já na segunda forma, ela surge nos componentes curriculares eletivos que se insere dentro da área da matemática e suas tecnologias.

No Brasil, a educação financeira tem avançado de maneira sucessiva, motivada pela (BNCC) Base Nacional Comum Curricular, que, mesmo possuindo imperfeições, em conjunto com os itinerários formativos e os temas contemporâneos transversais, trouxe para o ambiente escolar a necessidade de discutir assuntos que se limitavam a aspectos técnicos da matemática financeira. Logo, a educação financeira reúne condições indispensáveis para o planejamento e a realização do projeto de vida, uma das requisições estabelecidas na BNCC, e contribui para a tomada de decisões pessoais, com implicações éticas e morais sobre ad-

versidades de interesse social, político, econômico, histórico, cultural e ambiental (Giordano *et al.*, 2023)

Neste contexto, a mediação entre docente e discente é de suma importância para que os estudantes percebam a relevância de uma organização financeira que esteja em harmonia com seu projeto de vida e com aspectos sustentáveis do planeta, bem como raciocinar quanto ao consumo por impulso, compras parceladas e à vista, mudança de comportamentos em momentos de crise econômica ou sanitária, sobre o custo de um lar com adultos e crianças e as ocorrências de endividamento desnecessário (Kistemann Júnior; Giordano; Damasceno, 2022). A seguir, expomos o caminho metodológico que contribuiu para trazer a coleta de dados e os resultados obtidos mediante análise de conteúdo.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada presencialmente em uma escola pertencente à Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, estado situado na região sul do Brasil, que oferta a disciplina eletiva “educação financeira”. A escolha dessa instituição de ensino, localizada no município de Itajaí, deu-se em virtude de nela constar 6 (seis) turmas da disciplina de educação financeira, sendo ministrada no ano letivo de 2023, mesmo não sendo uma disciplina obrigatória de ensino. Outra situação que contribuiu para a sua escolha foi que a instituição também ofertou a disciplina de educação fiscal no início do semestre para os estudantes, evidenciando que considera importante para o desenvolvimento deles as temáticas relacionadas à educação financeira e fiscal.

Todos(as) os(as) alunos(as) que estavam cursando a disciplina de educação financeira foram convidados(a) para participarem da primeira etapa da pesquisa, que compreendeu a aplicação de um questionário para caracterizar o perfil socioeconômico. Já com relação às entrevistas, abrangemos todos(as) os(as) estudantes que demonstraram interesse em ser entrevistados. Portanto, de maneira resumida, este estudo contemplou os estudantes que estavam matriculados e frequentando o primeiro ano do ensino médio no período no qual estava sendo realizada a coleta de dados, como também, precisavam estar cursando a disciplina eletiva de educação financeira no segundo semestre de 2023.

No presente estudo, as falas dos participantes foram o principal aspecto a ser analisado, com o objetivo de investigar as percepções dos estudantes entre o ensino da educação financeira no ambiente escolar e o seu cotidiano. A análise das narrativas deles visa a um estudo qualitativo, seguindo, como referencial teórico-metodológico, a utilização da análise de conteúdo, desenvolvida por Bardin (2016) como um composto de técnicas de análise das comunicações, que faz o uso de métodos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens.

A análise dos dados também envolveu a triangulação dos dados, em que trouxemos os trabalhos presentes no estado do conhecimento relacionados à temática de estudo. O estado do conhecimento foi desenvolvido no período de 2017 a 2023 no portal de periódicos da Capes e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, com os seguintes descritores: “Ensino médio AND educação financeira AND jovens”, “percepção AND educação financeira

AND ensino médio” e “temas transversais AND educação financeira”. Ao todo, encontramos 24 artigos e 26 teses e dissertações.

Com o propósito de garantirmos o anonimato dos estudantes que foram sujeitos da pesquisa, será atribuída, em suas respostas, a palavra “Estudante” seguida de um numeral: Estudante 1, Estudante 2, Estudante 3, e assim sucessivamente. Ao todo, a pesquisa contou com a participação de 60 estudantes, sendo 48 na primeira fase do estudo, que trata da caracterização do perfil socioeconômico dos pesquisados, e 12 na segunda parte, etapa em que foi realizada entrevista semiestruturada. Desses 48 estudantes, 32 se consideram do gênero feminino, enquanto 16, do gênero masculino. A maior parte desses estudantes possuem idade entre 15 e 16 anos, consideram-se brancos ou pardos e não exercem atividade remunerada.

ANÁLISES E RESULTADOS

Na atualidade, as escolas passaram a congregam cada vez mais alunos heterogêneos devido à obrigatoriedade, gratuidade e expansão, demonstrando para esses jovens que não se trata apenas do período final da educação básica, mas também, para muitos deles, uma fase de encerramento do ciclo de escolarização. Por consequência disso, apresenta-se o debate sobre a identidade do ensino médio, se essa etapa deve ser uma preparação para o ingresso no mercado de trabalho ou para entrar no ensino superior (Alves, 2017).

A formação intencionando o mercado de trabalho é uma realidade para muitas dessas juventude(s), podendo ser evidenciada em algumas das respostas que foram apresentadas para o seguinte questionamento: os conteúdos trabalhados nas aulas de educação financeira contribuem de que maneira e em quais aspectos da sua vida?

*Contribuem na forma financeira mesmo de você perceber como a vida adulta vai ser mesmo, quando você vai **trabalhar**, o que você vai ter que passar, o que você vai ter que fazer, que normalmente nunca falam na escola, que normalmente a gente tem que aprender na vida adulta ali na hora mesmo. (Estudante 3, grifos nossos)*

*[...] se eu não soubesse de juros, impostos, se eu não tivesse uma educação ao menos básica financeira eu não poderia entrar diretamente no **mercado de trabalho**, eu ia ter inúmeras dificuldades. (Estudante 9, grifos nossos)*

Nessas narrativas, verificamos que a educação financeira aparece como algo importante para os jovens. Ela surge associada a um conhecimento que auxilia na preparação para o ingresso no mercado de trabalho e para a vida. Desse modo, nota-se que a percepção de uma parcela de estudantes é terminar o ensino médio com o intuito de partir para o mercado de trabalho, diferente do/a estudante 2, que vê de uma outra maneira:

*Muito, porque a educação financeira, **agora** que a gente está aprendendo a como **lidar com o dinheiro**, e como a gente é muito novo, a gente pensa em **gastar**, quero **gastar**, quero **comprar** isso e isso, mas não, a gente tem que **investir** em alguma coisa para o nosso futuro, uma **faculdade**, uma casa própria, um conforto melhor (Estudante 2, grifos nossos).*

Nesse discurso, temos alguns pontos que chamam a atenção: 1) a ideia de educação financeira associada com a administração, gastos e investimentos para realizar sonhos,

como no caso da casa própria; 2) a ênfase na palavra “agora”, demonstrando que foi durante o ano letivo que ele/ela começou a aprender a lidar com o dinheiro; 3) interesse em prolongamento dos estudos e a educação financeira pode ser uma metodologia que contribuirá para a realização deste objetivo. Em continuidade com os depoimentos, observa-se que as famílias têm grande peso nos impactos de como os estudantes enxergam essa contribuição dos conteúdos no dia a dia, podendo ser visto nas falas abaixo:

*[...] como eu não trabalho, eu não tenho noção de educação financeira, porque meu **pai** me dá dinheiro [...] eu fui mal-acostumado, porque eu sempre estou com tudo na minha mão, então não serve muito para mim. (Estudante 4, grifos nossos).*

*[...]Algumas vezes no ano, eu me diverti bastante, e o que eu aprendo lá eu uso, vou dar um exemplo: a minha **família**, eles estão querendo comprar um apartamento, eles estão usando as contas que a gente aprendeu a fazer, que é juros composto para ver quanto que vai dar o valor na hora que for comprar um apartamento, porque vai ter os juros, não vai? Eu acho que se aplica nesses momentos. (Estudante 7, grifos nossos).*

Diante de tais relatos, evidenciou-se que a família pode influenciar negativa ou positivamente o comportamento dos filhos no tocante às finanças. No caso do/da Estudante 4, ter educação financeira, para ele/ela, só faz sentido quando estiver no mercado de trabalho, pois consegue todas as coisas dos pais com facilidade. Entretanto, para o/a Estudante 7, os conteúdos trabalhados em sala de aula auxiliam nas tomadas de decisão da família, uma vez que utiliza contas que aprendeu a fazer durante a aula para buscar melhores alternativas de compras.

Dentro do ambiente escolar, ainda existe uma noção de aluno(a) muito acentuada, sendo que, na verdade, estamos diante de sujeitos diferentes, que possuem saberes e histórias de vida que vão além do estabelecido nos currículos oficiais escolares (Alves, 2017). Portanto, “A escola tende a não reconhecer o ‘jovem’ existente no ‘aluno’, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta” (Dayrell, 2007, p. 1117). Dessa forma, estamos diante de pessoas com diferentes trajetórias, que vivem de maneira distinta e, muitas das vezes, é apresentado um conteúdo para os(as) alunos(as) que não estão de acordo com a sua realidade.

Para Teodosio (2021), as aulas, na atualidade, precisam estar fundamentadas em estratégias de ensino que promovam desafios mais complexos e que desenvolvam nos estudantes uma atitude proativa, nos trabalhos individuais e coletivos. Assim, é necessária uma mudança do(a) aluno e do(a) professor, para que ambos realizem as atividades em conjunto, e, conseqüentemente, a aula não terá como propósito somente a apropriação de conceitos e técnicas científicas. Em breve, esse ambiente favorecerá uma formação cultural aos estudantes, em que eles disporão do acesso aos conhecimentos pertencentes às necessidades de criação dos conceitos desenvolvidos, o contexto cultural no qual se originaram, dentre diversas outras variáveis, motivadas pela cultura e pelo meio social.

Quando partimos para o campo da educação financeira, os autores Rosseto *et al.* (2020) destacam que ela é flexível, e por esse motivo, não se deve avaliar as escolhas dos outros, desde que as conseqüências de suas decisões possibilitem chegar ao final do mês sem dívidas, mesmo não tendo realizado investimentos ou reservas. Os autores complemen-

tam, ainda, que devem ser respeitadas as tomadas de decisões das pessoas, pois diversas vezes o que parece ser uma decisão financeira errada para alguém, para outra pessoa é uma decisão correta. Portanto, se as juventudes são consideradas heterogêneas, presume-se que suas percepções sobre a educação financeira sejam distintas, logo, devem ser respeitadas as suas tomadas de decisões financeiras.

Na sequência da entrevista, partimos para a questão que perguntava como os estudantes se sentem ao participar da aula de educação financeira. Abaixo, algumas falas deles:

*Eu sou um cara que gosta muito de matemática e sempre me dei bem com número, então eu me sinto bem. é uma matéria que **eu gosto muito** (estudante 6, grifos nossos).*

*[...] **eu me interesso**, até porque, assim como a maioria das pessoas, eu quero evoluir na vida, e eu tendo uma educação financeira, acaba agregando nisso (estudante 9, grifos nossos).*

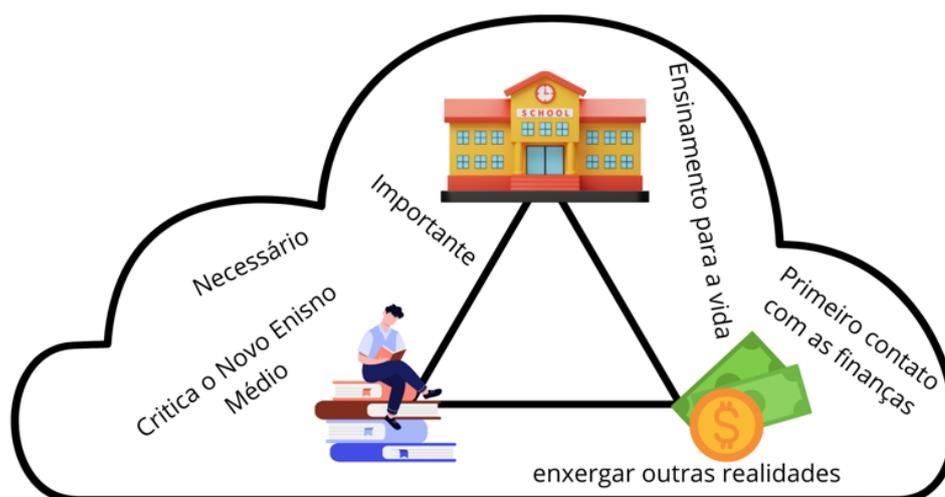
*Às vezes **eu fico entediada**, às vezes eu fico, nossa, meu Deus, não acaba nunca, e, em outros momentos, **eu me divirto**, porque, às vezes, o professor passa uma coisa diferente. Esses tempos atrás teve um debate de uma aprovação de uma lei, uma coisa assim, eu participei, eu debati (estudante 7, grifos nossos).*

Na maior parte dos relatos, observamos que, ao participar das aulas de educação financeira, eles/as se sentem bem, interessados/as, normais ou gostam, o que pode ser evidenciado nas falas dos/as estudantes 6 e 9. Todavia, no relato do/a estudante 7, percebemos que, em algum momento, ele/ela fica entediado/a com o andamento da aula e, em outros, diverte-se bastante quando o professor apresenta uma metodologia diferente. Dessa forma, é perceptível que, para o/a estudante, as metodologias ativas brotam como uma maneira que auxilia na construção do conhecimento, mostrando a importância dos trabalhos de Rossetto *et al.* (2020), Sanches, Batista e Marcelino (2021), Ramos, Moura e Lavor (2020), Silva e Novaes (2021), Teodosio (2021) e Freitas e Moreira (2021).

Nesses trabalhos, nota-se que as propostas de práticas pedagógicas diferentes fazem com que os alunos vejam a aula com outra perspectiva, demonstrando entusiasmo durante os encontros, e essas práticas possibilitam reflexões, trocas de experiência e conscientização, o que contribui para uma aprendizagem significativa. Nos estudos de Silva e Novaes (2021), podemos refletir que, quando a educação financeira é apresentada levando em conta o dia a dia dos estudantes e a gestão das emoções é integrada, traz aos alunos um novo ponto de vista em no que tange ao assunto, sendo corroborado, após a prática pedagógica, que os pesquisados demonstraram que as atividades impactaram suas vidas.

Nessa perspectiva, nota-se, na fala da/do Estudante 7, que, quando o professor trouxe um conteúdo sobre determinado tema que estava ocorrendo na atualidade e envolvia seu cotidiano, houve mais entusiasmo, chamando sua atenção para o conteúdo da aula e fazendo com que ela/ele se tornasse protagonista no momento da aprendizagem. Em seguida, partimos para o questionamento sobre qual a opinião deles/as em estudar educação financeira na escola. Com base nas suas respostas, elaboramos a figura 2, que apresenta temáticas-chaves que definem suas opiniões.

Figura 1 – Opinião dos alunos sobre estudar educação financeira na escola



Fonte: Elaborado pelos autores

Começamos as análises dessa questão pela fala dos Estudantes 1 e 8

[...] foi a primeira vez que tive aula assim de educação financeira (Estudante 1, grifos nossos).

*Para mim, como eu disse, eu gostei bastante, eu acho bem **necessário**. Têm muitas escolas que eu vejo ainda que não têm, a de um amigo meu não tem, e eu vejo a **necessidade** que deveria ter naquelas escolas. **Todas as escolas deveriam priorizar isso e ter** (Estudante 8, grifos nossos).*

Ao analisar a fala do estudante 1, percebemos que, até o momento, ele nunca havia frequentado alguma aula relacionada à temática no ambiente escolar, sendo a escola o primeiro local de educação formal que proporcionou tal experiência. Já no relato do/da estudante 8, vimos uma preocupação com o amigo, que não teve contato com a disciplina pelo fato de ser uma disciplina eletiva e ficar a critério da instituição de ensino ofertar. Nessas falas, observa-se que trabalhar a educação financeira dentro do ambiente escolar não é apenas algo importante, mas sim necessário.

Silva (2021) contribui ressaltando que a educação financeira é muito importante por preparar os estudantes a refletir melhor sobre suas relações com o dinheiro e diminuir a possibilidade de desequilíbrio financeiro. No estudo de Luz, Santos e Junger (2020), a maior parte dos estudantes consideraram a educação financeira importante, entretanto, para a grande maioria deles, isso é uma responsabilidade da família e não da escola, ao contrário das repostas mostradas em nossa pesquisa. Apesar do estudante de número 4 falar nas questões anteriores que não via muita contribuição da educação financeira por receber tudo do seu pai, apontou algo diferente nesta indagação:

*[...] ano passado eu tinha uma noção totalmente diferente de um negócio, porque um amigo meu estava falando que ele só comeu carne duas vezes no ano e já era final de ano e eu não acreditei, impossível isso daí. Então **é bom a educação financeira para a gente ver como é a diferença das pessoas**. (Estudante 4, grifos nossos).*

Se no relato anterior ele/ela não via sentido em estudar educação financeira, após refletir, parece que impactou a sua vida, pois, por intermédio da educação financeira no am-

biente escolar, foi possível enxergar a realidade de outras pessoas, sendo considerado algo bom para ter uma nova percepção de mundo. O Estudante 9 opinou da seguinte maneira quanto a estudar educação financeira no ambiente escolar:

*É complicado, porque assim o **novo ensino médio** aderiu a educação financeira como uma coisa nova, factualmente **colocando especialista que não necessariamente tinham diplomas naquela área**, mas sim de outras áreas. Então a gente vê que existe uma **desorganização** absoluta dentro do novo ensino médio [...] A gente tem uma educação que não é bem estabelecida, ela é **estabelecida às pressas**. Não só isso, uma das minhas maiores críticas ao novo ensino médio é que ele pensou numa questão de periodização. Vamos **aumentar o tempo e não na questão do aumento da qualidade**, porque, em contrapartida, por mais que tenham vindo questões como educação financeira, vem outras matérias que muitas vezes não vão agregar em nada na vida das pessoas (Estudante 9, grifos nossos).*

A crítica desse estudante também é uma preocupação para Giordano (2023), posto que normalmente se defende que assuntos importantes como a educação financeira sejam ensinados, porém, nos cursos de matemática e pedagogia, é apresentada uma formação limitada relativa à temática, muitas das vezes como quase inexistente. Na questão da jornada de trabalho, muitos professores também tiveram uma redução na carga horária de sua disciplina e, por conseguinte, precisaram migrar para outras áreas de ensino em que não possuíam conhecimentos sólidos para completar sua jornada de trabalho, o que acaba resultando em incertezas de como essas aulas estão sendo ministradas.

Nas entrevistas realizadas por Zago, presentes na obra de Dayrell *et al.* (2012), que teve como sujeitos pais da periferia urbana e jovens do Ensino Médio e superior, é destacada a importância da educação prolongada para satisfazer as demandas do mercado de trabalho, mesmo eles possuindo conhecimento de que um diploma não é garantia de superação das suas condições de trabalho e vida. Para os pais, a escola aparece como um local para se adquirir saberes fundamentais para ocupar os filhos quando a mãe tem uma ocupação profissional, um local de socialização e proteção dos filhos perante péssimas influências, mundo das drogas e do convívio nas ruas, demonstrando a inseparabilidade entre socialização e instrução.

É compreensível que o Novo Ensino Médio tenha sido algo colocado em prática às pressas depois do golpe civil de 2016, que retirou direitos trabalhistas da população e reformou a educação com o apoio de empresários, a classe dominante. Os pensamentos da classe dominante são igualmente dominantes em todas as épocas, ou seja, a classe que tem o poder material numa determinada sociedade é também a potência dominante espiritual e suas ideias são as que prevalecem na sua época (Marx; Engels, 2007). Conforme as descrições acima, verifica-se que a reforma do Ensino Médio foi algo pensando pela classe dominante, premissa que gerou grandes impactos na vida das pessoas pertencentes às camadas populares, uma vez que, ao determinar que um aluno tem o direito de permanecer na escola em tempo integral, também deve ser assegurada a qualidade no ensino, o que muitas das vezes não é evidenciado. O ambiente escolar acaba aparecendo como uma preparação para o mercado de trabalho e um local de segurança para guardar os filhos quando os pais não podem estar presentes. Finalizamos essa questão sobre a opinião de estudar educação financeira no ambiente escolar com a fala do Estudante 5:

*Eu sei que isso é **essencial para futuramente**, porque muitas vezes na **minha vida** eu vou ter que fazer esse mesmo pensamento. É essencial de qualquer forma (Estudante 5, grifos nossos).*

Na resposta do/a estudante, nota-se que ele/a não vê a educação financeira como algo essencial para agora, entretanto, tem uma ideia de que o estudo da educação financeira no ambiente escolar trará a oportunidade de realizar pensamentos semelhantes no decorrer de sua vida, logo, será um conhecimento levado para a vida toda, não focando apenas no mercado de trabalho. Na pesquisa de Saldanha (2021), foi destinado um espaço do questionário para os estudantes discorrerem a respeito de contribuições para o estudo. Em tal espaço apareceu, nos discursos de alguns estudantes, que a educação financeira é essencial para a vida adulta e, conseqüentemente, deveria ser obrigatória no ambiente escolar.

Já no estudo de Xisto (2020), foi exibida uma situação preocupante, pois se afirma que os conhecimentos matemáticos adquiridos no ambiente escolar raramente são utilizados nas decisões de consumo do estudante, seja pela intensa influência de cada trajetória vivida que o motiva a tomar determinada decisão, seja pela resistência no momento de aplicá-los. Ainda nos resultados do estudo, um dos pesquisados fala que o conhecimento que possui sobre juros compostos, assunto importante associado à educação financeira, não foi adquirido na escola, mas sim na prática, tendo em vista que empresta dinheiro a amigos e familiares. Desse modo, quando surge alguma oportunidade ou dificuldade, percebe-se que os estudantes vão em busca de conhecimento por conta própria para atender suas necessidades.

Por sua vez, na pesquisa de Rossetto (2019), os estudantes asseguraram que, por meio da prática pedagógica desenvolvida em sala de aula, seus comportamentos perante o dinheiro foram alterados, sendo que, a partir das aulas, realizaram um controle de suas receitas e despesas, esforçaram-se para economizar e construir uma reserva financeira. Assim, pesquisam preços antes de adquirir produtos e utilizam cálculos para verificar produtos ofertados, o que vem contra os resultados apresentados por Xisto (2020), que os estudantes mostram resistência a aplicar esses conceitos matemáticos.

Segundo Nascimento (2020), as instituições de ensino devem entender que a Educação Financeira dentro da sala de aula possibilita que o estudante desenvolva habilidades para melhorar a administração das suas finanças e tomar decisões confiáveis e seguras. Em sua pesquisa, salientou que o pouco de conhecimento que os pesquisados sabem acerca da temática foi adquirido por experiência no dia a dia. De todos os pesquisados, apenas 22,5% nunca tiveram seu nome negativado em órgãos de proteção de crédito e a maior parte deles/as, 97,2%, consideram importante que conteúdos de educação financeira sejam abordados nas disciplinas. Dentro dos relatos que motivaram o nome estar negativado, foi apresentada a resposta de ausência de conhecimento relacionada à educação financeira.

Conforme os resultados supracitados, constata-se que a educação financeira ofertada no ambiente escolar traz inúmeros benefícios para a vida das pessoas, pois é um conhecimento que será utilizado durante a vida toda e a ausência desse conhecimento pode impactar negativamente a qualidade de vida delas, ao comprometer sua renda, como no caso de incluir seus nomes em órgãos de proteção ao crédito por falta de cumprimento de

obrigações financeiras. Em seguida, partimos para a questão que buscou verificar quais reflexões as aulas de educação financeira impulsionaram os estudantes a fazer. Os temas associados ao gasto e ao consumo consciente foram os que estiveram com maior frequência nos discursos deles/as.

*A pensar como **gastar** o dinheiro, com o quê e coisas que não são besteira, mas **coisas necessárias**. (Estudante 2, grifos nossos).*

*Eu sempre fui uma pessoa muito compulsiva em **comprar as coisas**. Então eu via uma coisa, **achava que estava super na promoção e comprava**, mas, na verdade, não tinha nada de promoção, era só porque eu queria mesmo **consumir** aquilo. Então ter a **consciência do que realmente é necessário** e o que não vai ser necessário. (Estudante 8, grifos nossos)*

*Sobre **gastos**. Que tem a planilha que a gente fez, eu vi quanto que a gente realmente **gasta** no mês, que não é só com aluguel, luz e água. Que tem muito mais coisa que a gente **gasta**. (Estudante 11, grifos nossos)*

Muitas das decisões de consumo são guiadas por status e não por necessidade. Cerbasi (2019) salienta que o status é você adquirir coisas sem necessidade, com um dinheiro que não possui, para mostrar às pessoas de quem não gosta que você é alguém que nunca será. Dessa forma, é necessário que você comece tendo consciência dos seus gastos e isso só é possível a partir do controle financeiro. Já Domingos (2011) afirma que, quando temos consciência desses gastos, iremos gastar melhor, pensando duas vezes antes de efetuar determinada compra. A dificuldade de muitas pessoas não é sobre possuir ou não possuir algo, mas sim em saber o que é necessário ter. O motivo dos problemas financeiros, na maioria das situações, está na dificuldade de identificar o que é importante ou essencial, na dificuldade de fazer escolhas eficientes, de saber analisar (Cerbasi, 2019).

No estudo de Rosseto *et al* (2020), foi disponibilizado um espaço para os estudantes socializarem sobre a temática, abordagens e possíveis contribuições para o seu dia a dia. Nesse momento também esteve presente que a intervenção pedagógica possibilitou reflexões concernentes aos gastos dos participantes, em que muitos/as deles/as começaram a pensar se suas compras realmente são necessárias, se os preços e condições de pagamento são justos e se vão conseguir pagar pelo que estão adquirindo.

Para Silva e Novaes (2021), a educação financeira é considerada muito relevante por capacitar os estudantes a refletirem melhor sobre suas relações com o dinheiro e diminuir a possibilidade de descontrole financeiro. Assim, percebe-se, pela fala dos participantes, que a aula de educação financeira proporcionou reflexões acerca das tomadas de decisões nos momentos de compras, contribuindo para uma relação mais sustentável com as finanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conteúdos trabalhados na aula de Educação Financeira contribuem de inúmeras maneiras para a vida dos estudantes, seja na preparação para o mercado de trabalho, seja no aprendizado em lidar melhor com o dinheiro ou simplesmente como um conhecimento que pode auxiliar na prolongação dos estudos. Nessas contribuições, a família aparece

como uma forte influenciadora no comportamento dos filhos, podendo impactar positiva ou negativamente a relação deles com o dinheiro.

A maior parte dos estudantes se interessam, gostam ou se sentem bem ao participar da aula de educação financeira. Entretanto, há uma parcela deles/as que às vezes se mostra entediada durante a aula, e esse sentimento pode ser quebrado com a utilização de metodologias de ensino que saiam do comum, nas quais o aluno apareça como o protagonista no processo de ensino e aprendizagem.

A educação financeira no ambiente escolar, para esses/as jovens, mostra-se como algo necessário e importante, caracterizando-se, muitas das vezes, como o primeiro ambiente formal de educação que oportuniza contato com o mundo das finanças. Esse conhecimento adquirido na aula será algo utilizado durante toda sua vida. Entretanto, surgem críticas ao Novo Ensino Médio, por ter sido estabelecido às pressas, gerando incerteza de como tais aulas estão sendo ministradas.

Além disso, as aulas de educação financeira possibilitaram reflexões acerca de gastos e consumo consciente nos estudantes, alterando comportamentos considerados inadequados perante o dinheiro e fazendo com que enxerguem novas realidades. Dessa maneira, verifica-se que a educação financeira na escola não é apenas uma disciplina comum, que logo deixará de ser utilizada, mas sim um conhecimento que será válido durante toda a vida, e sua ausência pode impactar negativamente as pessoas por um longo período.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Alda de Souza. **Juventudes e ensino médio**: transições, trajetórias e projetos de futuro. Curitiba: CRV, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 18 ago. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.415/2017. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 08 ago. 2023.

CERBASI, G. **A riqueza da vida simples**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

CONFEDERAÇÃO Nacional do Comércio de Bens, Serviços e turismo. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor**. Rio de Janeiro: CNC indicadores, 2023. Disponível em: <https://pesquisascnc.com.br/pesquisa-peic/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>

DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José Manoel; VIEIRA, Maria Manuel (Org). **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

DIAS, Carolina Rodrigues; OLGIN, Assis. Uma proposta didática para o desenvolvimento da temática Educação Financeira. **REMATEC**, Belém, v. 13, n. 28, 2018.

DOMINGOS, Reinaldo. **Terapia financeira**. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2011.

FREITAS, Bruno Gomes de; MOREIRA, Valéria Guimarães. Empréstimos & Financiamentos: uma proposta para o ensino de sistemas de amortização no Ensino Médio. **Em Teia: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 12, n. 2, Web, 2021. <https://doi.org/10.51359/2177-9309.2021.250338>

GIORDANO, Cassio Cristiano. Desafios do Novo Ensino Médio. **Educação Matemática em Revista**. v. 28, n. 78, p. 186-190, jan./mar. 2023. <https://doi.org/10.37001/emr.v28i78.3319>

GIORDANO, Cassio Cristiano; KISTEMANN JUNIOR, Marco Aurélio; OLIVEIRA, Paulo Cesar; HAETINGER, Claus. Educação financeira e resolução de problemas na proposta curricular brasileira. **Areté, Revista Digital del Doctorado en Educación**, v. 9, n. 18, p. 11-36, 2023. <https://doi.org/10.55560/arete.2023.18.9.1>

KISTEMANN JÚNIOR, Marco Aurélio; GIORDANO, Cassio Cristiano; DAMASCENO, Alexandre Vinícius Campos. Cenários para entender o Novo Ensino Médio no contexto da Matemática e da Educação Financeira Escolar. **Em Teia: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 13, n. 3, p. 5, 2022. <https://doi.org/10.51359/2177-9309.2022.254698>

LUZ, Jefferson Oliveira Cristovão da; SANTOS, Marcio Eugen Klingenschmid Lopes Dos; JUNGER, Alex Paubel. Educação financeira: um estudo de caso com jovens do ensino médio na cidade de São Paulo. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 11, n. 3, p. 199-211, 2020. <https://doi.org/10.26843/rencima.v11i3.2453>

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

NASCIMENTO, Wesley Gonçalves do. **Educação financeira na educação de jovens e adultos: vivências no Instituto Federal de Goiás (IFG)**. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade do Vale do Taquari–Univates, Lajeado/RS, 2020. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UVAT_accbd3e85b0ce56af47bc4114e349d09. Acesso em: 06 mar. 2024.

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Education at a Glance 2022**. Paris: OECD Indicators, 2022.

RAMOS, Maria do Socorro Ferreira; MOURA, Patrícia de Souza; LAVOR, Otávio Paulino. Educação financeira: Sequência didática com o aplicativo “Minhas Economias”. **Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática**, v. 4, n. 1, p. 1-19, 2020. <https://doi.org/10.34019/2594-4673.2020.v4.32047>

ROSSETTO, Júlio César. **Educação financeira crítica**: a gestão do orçamento familiar por meio de uma prática pedagógica na educação de jovens e adultos. Dissertação (Mestrado de Ensino de Ciências Exatas). Universidade do Vale do Taquari–Univates, Lajeado/RS, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UVAT_a5faddb6dd465fc88c23486be37b19de. Acesso em: 06 mar. 2024.

ROSSETTO, Júlio Cesar; SCHNEIDER, Tcharles; QUARTIERI, Marli Teresinha; OLIVEIRA, Eniz Conceição. Educação financeira crítica: uma prática pedagógica para a educação de jovens e adultos. **REVEMAT: Revista Eletrônica de Matemática**, v. 15, n. 2, p. 1-24, 2020. <https://doi.org/10.5007/1981-1322.2020.e74215>

SALDANHA NETO, Mario Francisco. **Educação Financeira Para Jovens Estudantes**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias). Centro Universitário Internacional–UNINTER. Curitiba/PR, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNINTER-3_2b57a750a28d95003bd3c2e420e5c362. Acesso em: 06 mar. 2024.

SANCHES, Rosivar Marra Leite; BATISTA, Silvia Cristina Freitas; MARCELINO, Valéria De Souza. Educação Financeira No Ensino De Matemática Financeira: Uma Experiência Com Sala De Aula Invertida No Curso Normal a Nível Médio. **Em Teia: Revista de Educação Matemática E Tecnológica Iberoamericana**, v. 12, n.2, p. 1-24, 2021. <https://doi.org/10.51359/2177-9309.2021.250339>

SANTANA, Michela Rodrigues de Souza Monteiro; RESENDEVEIRA, Edite. Educação Financeira Escolar: reflexões para tomada de decisões diante de experiências financeiras. **REMATEC**, Belém, v. 18, n. 43, p. e2023007, 2023. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2023.n43.pe2023007.id444>

SILVA, Eduardo. D. **Gestão em finanças pessoais: uma metodologia para se adquirir educação e saúde financeira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

SILVA, Luciene Santos; NOVAES, Diva Valério. Educação financeira e educação socioemocional integradas para discutir armadilhas psicológicas em decisões financeiras. **Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação Matemática**, v. 23, n. 1, p. 713-740, 2021. <https://doi.org/10.23925/1983-3156.2021v23i1p713-740>

SOUZA, Jéssica Ignácio de; FLORES, Cláudia Regina. Conceito de Riqueza e Educação Financeira como prática de si: composições históricas. **Alexandria Revista de Educação Em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 16, n.1, p. 63-80, mai. 2023. <https://doi.org/10.5007/1982-5153.2023.e86167>

TEODOSIO, Elaine de Sousa. Storytelling como uma metodologia ativa no ensino de Matemática. **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**, v. 8, n. 23, p. 258-268, 2021. <https://doi.org/10.30938/bocehm.v8i23.5099>

XISTO, Luiz Paulo. **Educação Financeira na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**: buscando uma visão empreendedora para estudantes adultos no município de Irupí-ES. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz

de Fora, Juiz de Fora, MG, 2020. Disponível em: https://btdt.ibict.br/vufind/Record/UFJF_0707575a736fb14a36ba9700d3cccd5d. Acesso em: 06 mar. 2024.

Histórico

Recebido: 07 de junho de 2024.

Aceito: 15 de março de 2025.

Publicado: 17 de abril de 2025.

Como citar – ABNT

MELLO, Daniel de; RAITZ, Tânia Regina. Percepções dos estudantes sobre o ensino da Educação Financeira na escola e seu cotidiano. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, Belém/PA, n. 53, e2025005, 2025.
<https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n53.e2025005.id634>

Como citar – APA

Mello, D. de; Raitz, T. R. (2025). Percepções dos estudantes sobre o ensino da Educação Financeira na escola e seu cotidiano. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (53), e2025005.
<https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n53.e2025005.id634>